

GRUPO DE MULHERES CERÂMICA DA ALEGRIA



Francine Fortuna



Francisca Alves



Maria Clara Oliveira



Maria do Socorro Pereira

Maria Clara Oliveira, Francine Fortuna, Maria Fortuna, Sandra Fortuna, Valdecira Inácio, Francisca Alves e Maria do Socorro Pereira formam um grupo de artesãs dedicadas à produção de peças de barro feitas à mão. O grupo está localizado na comunidade de **Alegria**, no município de **Ipu-CE**. Cada peça representa o resultado de um trabalho artesanal minucioso, carregado de tradição e identidade cultural, refletindo o saber e a criatividade transmitidos de geração em geração.

O aprendizado começou ainda na infância. Todas relatam que aprenderam desde jovens a manusear o barro, por meio da herança dos pais e parentes. Ao acompanharem as mães no trabalho, aquilo que começou como uma simples diversão infantil foi, pouco a pouco, tornando-se um exercício frequente. Com o passar do tempo, a prática constante contribuiu para o aprimoramento da técnica e para o fortalecimento de suas competências.

“Minha mãe nem queria que a gente aprendesse. Eu, toda vida, fui teimosa, insistente, persistente. Quando eu pegava no barro dela, ela botava assim um monte, aquele montão de barro alto, e eu ficava lá mexendo. Às vezes, ela dava palmada na minha mão, mas mesmo assim eu continuava tentando aprender, sem desistir.” Afirma **Maria do Socorro Pereira**

Do Galpão de palha à conquista

No início, o primeiro galpão era feito de palha e não comportava muita produção. A comercialização também era muito difícil. Elas precisavam produzir em grande quantidade e carregar as peças na cabeça ou em jumentos até a feira na sede do município. Saíam por volta da meia-noite e chegavam às quatro horas da manhã para conseguir vender seus produtos.

Com a fundação da Associação das Artesãs da Alegria, criada por artesãs que hoje somam 13 associadas dedicadas ao trabalho com barro, a realidade do grupo passou por transformações significativas. A iniciativa possibilitou a organização coletiva das artesãs e abriu espaço para que suas peças fossem comercializadas dentro da própria comunidade, ampliando as oportunidades de geração de renda e fortalecendo a valorização do artesanato local.

A disponibilidade de um galpão apropriado garantiu melhores condições para a produção e o armazenamento das mercadorias, assegurando mais organização e proteção aos materiais. Como resultado, o coletivo se fortaleceu, conquistando maior estrutura, autonomia e condições de trabalho mais adequadas.



Processo e cooperação

A produção tem início com a aquisição da matéria-prima essencial: o barro e a lenha, elementos que sustentam todo o processo artesanal. São utilizados dois tipos de barro — o vermelho e o roxo — cuja combinação garante maior firmeza e durabilidade às peças, resultado de um saber tradicional construído ao longo de gerações. Após a modelagem cuidadosa, cada peça é deixada em repouso para a secagem natural, etapa que pode durar cerca de duas semanas, variando conforme o tamanho das peças e as condições climáticas. Somente depois de completamente secas é que as artesãs se reúnem para realizar a queima, momento coletivo e fundamental que consolida o trabalho realizado e transforma o barro moldado em peça finalizada.

No passado, a comercialização das peças dependia da feira de louça no município de Ipu, para onde as mulheres precisavam se deslocar carregando suas mercadorias, enfrentando longas distâncias e vendas incertas. Atualmente, o trabalho ganhou maior organização: elas recebem encomendas e dividem a produção entre si. A comercialização também passou a ser feita de forma conjunta, garantindo planejamento, segurança financeira e fortalecendo a união do grupo.



Capacitação e transformação

“Agradeço por ter aprendido, pois foi com esse aprendizado que criei meus filhos, foi com o artesanato. Ajeitei este lugarzinho aqui, que antes tinha uma casa de taipa, e, com as vendas do artesanato, consegui pagar e realizar a obra. E hoje estou aqui, mostrando que o esforço e a dedicação ao trabalho artesanal transformaram minha vida e deram sustentação à minha família.”
Francisca Alves



Além do saber tradicional transmitido de geração em geração, as mulheres também se beneficiaram de cursos e projetos sociais, como capacitações promovidas pelo Sebrae, pela CEASA e pelo Projeto Paulo Freire. Essas iniciativas contribuíram significativamente para aprimorar tanto a organização do grupo quanto as estratégias de comercialização de seu trabalho, fortalecendo a profissionalização e a autonomia das artesãs. Assim, a história dessas mulheres é marcada pela tradição, pela união e pela força do trabalho coletivo, transformando o barro em sustento e valorização cultural.

